

UMA VISÃO SOBRE A AQUISIÇÃO DO LÉXICO E DA SINTAXE EM LÍNGUA MATERNA

ANGELA MEDEIROS DE ASSIS BRASIL¹

angela_abrasil@hotmail.com

ROGÉRIA LOURENÇO DOS SANTOS²

rogeriadsantos@gmail.com

ABSTRACT

This paper aims to bring theoretical discussion about the main aspects of child's development concerning lexical and syntax acquisition. In order to do so, the authors whom we bring to discussion are Griffiths (1997), Karmiloff-Smith (1997), Perera (1997), Peters (1997), Bassano (2000) and Kail (2000). Our purpose is to make a brief overview of the topic to reinforce the importance of knowing how children develop their language. Once teachers have clear in mind the levels of this development they will be more able to work with children in their first or second language acquisition.

KEYWORDS: language acquisition. lexicon. syntax.

1 INTRODUÇÃO

Tanto o léxico quanto a sintaxe são aspectos importantes da aquisição da língua, seja materna (conforme os autores citados neste trabalho) ou estrangeira (LAFFORD *et al*, 2003), pois, só juntos, léxico e sintaxe permitem a compreensão, a produção, e, portanto, a interação dos indivíduos de forma inteligível e coerente. Conhecer uma lista de palavras de uma língua sem saber como elas se dispõem em sentenças ou saber como as palavras de uma língua se relacionam sem conhecer uma quantidade considerável do léxico que as constitui, torna inviável a interação humana. Logo, esse artigo traz uma discussão sobre léxico e sintaxe nos primeiros anos de vida da criança — fase em que seu desenvolvimento lingüístico será elaborado e constituído.

Esse trabalho está estruturado em duas grandes seções teóricas: uma relacionada à aquisição do léxico e outra, da sintaxe. O período da aquisição observado nos estudos que serviram de base a este artigo varia dos primeiros meses de vida da criança até o início da idade escolar.

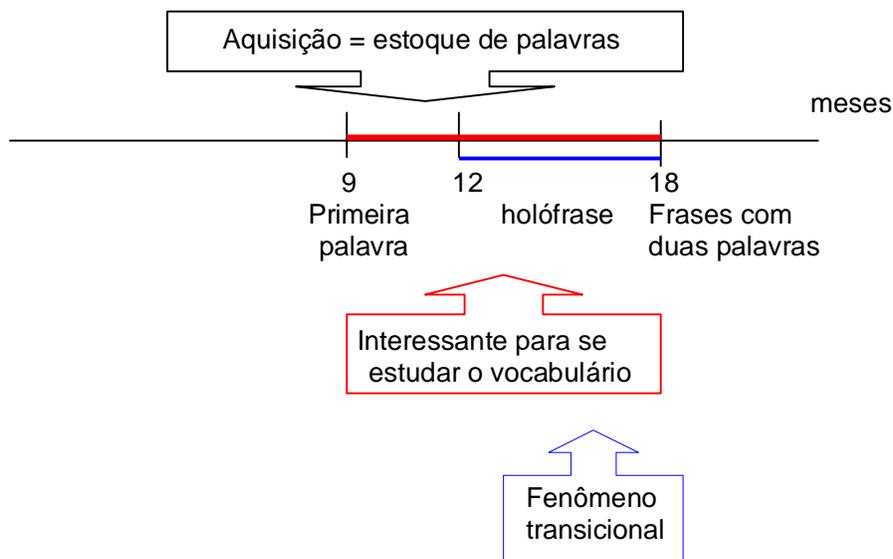
2 AQUISIÇÃO DO LÉXICO E DA SINTAXE EM LÍNGUA MATERNA

2.1 LÉXICO

O léxico constitui “um fator importante, senão o mais importante” uma vez que “medeia a produção da linguagem” (GASS & SELINKER, 2001 *apud* LAFFORD *et all*, 2003). A capacidade de compreensão (e produção da língua), pelo ser humano, da interação intermediada pela linguagem é o que faz com que a sociedade se constitua como tal. Desde os primeiros meses de vida, a criança começa o processo de aquisição por meio da interação com pessoas que estão ao seu redor.

Já aos 6 meses, a criança é capaz de perceber que o barulho a sua volta é um indício de que há indivíduos por perto, de que a fala é capaz de produzir diferentes efeitos, como um susto, e de que, pela fala, surge interação (um sorriso pode gerar uma réplica verbal). É nessa fase que a criança deve desenvolver certa percepção sobre o que é a fala (GRIFFITHS, 1997, p. 279). A pronúncia das primeiras palavras começa em torno dos 9 meses de idade, sendo que a criança é capaz de produzir um total de 45 palavras aos 18 meses (1 ano e meio) e de compreender aproximadamente de 180 a 225 palavras nessa idade (*idem*, *ibidem*).

A partir dos 12 meses, a criança manifesta seu léxico por holófrases — enunciados curtos, se comparados à fala do adulto, mas que comportam atos ilocucionários como pedidos ou cumprimentos. Aproximadamente aos 18 meses, as holófrases logo se transformam em sentenças e em torno dos 22 ou 23 meses (aproximadamente aos 2 anos), é possível distinguir as classes de palavras que as crianças utilizam em seu léxico. A esse período de transição, entre a produção de holófrases e a produção de sentenças com duas palavras, dá-se o nome de fenômeno transicional (GRIFFITHS, 1997, p. 280). Ainda pelos 18 meses, já é possível perceber a emergência da sintaxe na produção oral infantil, sendo o período dos 9 aos 18 meses de grande importância para o estudo do léxico. Isso pode ser visualizado no seguinte esquema.



Durante o primeiro período de aquisição da língua, as crianças utilizam dois critérios para representar o mundo ao seu redor: atributos ou protótipos (GRIFFI-

THS, 1997, p; 295-296). O primeiro se dá, quando a criança atribui características funcionais ao que quer nomear. Nesse caso, atributos relativos à forma e ao tamanho parecem ser os mais recorrentes no início dessa nomeação. O segundo ocorre quando a criança dá nome a algo pela semelhança com algum objeto visto anteriormente.

Além disso, outros dois processos muito relevantes relacionados ao início da aquisição da língua materna são a superextensão e a subextensão. A superextensão ocorre quando a criança nomeia pessoas ou coisas com um nome em comum, quando, por exemplo, ela diz *sapato* ao ver e apontar para o *pé* de uma boneca ou quando chama uma *bicicleta*, um *ônibus* ou outro meio de locomoção de *auto* — referente a automóvel, carro. Segundo Bassano (2002, p. 153), “a superextensão se dá quando a criança emprega um termo de modo generalizado para fazer referência a objetos diferentes que compartilham, porém, para ela, certos traços perceptivos ou, mais raramente, funcionais³.” A subextensão ocorre quando a criança é incapaz de ampliar os nomes para diferentes coisas ou pessoas (por exemplo, quando a criança diz “cachorro” para o cão da família, mas é incapaz de pronunciar a mesma palavra quando vê cães na rua).

As subextensões estão relacionadas ao fenômeno de contextualização, característica da língua emergente, em que o emprego de uma palavra se relaciona a uma situação ou contexto específico, dotado de uma importância ou de uma regularidade peculiar pela criança⁴ (BASSANO, 2000, p. 153)

Assim como o período dos 9 meses a 1 ano e meio é considerado chave nos estudos da aquisição — uma vez que é nessa fase que a criança adquire um estoque lexical crescente, passando da produção da primeira palavra para a holófrase e, finalmente, para a produção de frases com duas palavras —, o período que inicia aos 5 anos é considerado como idade fronteira para estudos psicolinguísticos.

Segundo Karmiloff-Smith (1997, p. 455), mudanças fundamentais ocorrem no desenvolvimento lingüístico após os 5 anos, pois há reorganização das representações lingüísticas internas. É nessa fase que a criança começa a perceber a plurifuncionalidade das entidades lingüísticas que acompanham substantivos e verbos (como o ‘s’ de um artigo definido que marca pluralidade e totalidade em *os meninos*, por exemplo).

A partir de um estudo realizado com crianças francesas, Karmiloff-Smith dividiu em três fases o desenvolvimento da compreensão da plurifuncionalidade. Na primeira fase, que vai dos 3 anos aos 5 e meio, a criança usa determinantes (artigos, pronomes) de forma aparentemente eficiente, mas sem a consciência da plurifuncionalidade. Como exemplo, a autora menciona que as crianças usaram “*les*” para indicar plural, mas não eram capazes de manifestar que compreendiam que esse artigo também indica totalização. A segunda fase, vai dos 5 aos 8 anos e se caracteriza pelo uso dos marcadores de forma redundante e agramatical. Dessa forma, a criança, cada vez que aprendia uma nova função, adicionava um morfema específico para expressá-la (por exemplo, quando a totalização era aprendida, a criança dizia “*tous le X*” ao invés de usar apenas o “*les*” para indicar a plurifuncionalidade). Na terceira fase, dos 8 aos 12 anos, fi-

nalmente a criança é capaz de compreender e expressar a simultaneidade de funções de uma única entidade (KARMILOFF-SMITH, 1997, p. 463-464).

Ainda depois dos 5 anos, a criança começa a organizar seu discurso falado, sendo que a narrativa parece predominar em sua produção oral (idem, p. 469). Segundo Bassano (2000, p. 138), aos 6 anos a criança sabe em torno de 10 mil palavras, o que é significativo se comparado a um adulto, que sabe em torno de 30 mil. Segundo a autora (p.141-142), dos 18-20 meses, a criança descobre que 'tudo pode ser nomeado'. A partir daí, ela descobre a generalização entre forma sonora e referente e passa a fazer a correspondência entre nome e coisa.

Quanto às classes gramaticais adquiridas pela criança durante seu desenvolvimento lexical, estudos feitos para analisar a composição do vocabulário produzido por crianças de 16 e 30 meses mostraram três etapas do desenvolvimento do léxico: a primeira fase se dá dos 18 aos 20 meses, e é o período de expansão de expressões nominais, em que 60% do léxico é constituído. Na segunda fase ocorre a expansão de predicados, verbos e adjetivos, acarretando uma aquisição no léxico em geral. Na última fase há um aumento "brusco" no vocabulário infantil (idem, p. 144).

Uma vez que o desenvolvimento lexical se enriquece nos primeiros anos de vida da criança, é evidente que essa fase se constitui em um período significativo para trocas lingüísticas, para o estímulo da comunicação, sendo papel da família e dos professores pré-escolares incentivarem o gosto pela língua por meio de leituras, do contar histórias e de perguntas que instiguem a interação.

2.2 SINTAXE

2.2.1 Fala

Segundo Peters (1997, p.307), a linguagem se desenvolve num processo dinâmico e, para entender como se desenvolve, é necessário descrever que tipos de processos estão acontecendo e como o aprendiz é capaz de se mover de um estágio para o próximo. A primeira transição importante no desenvolvimento da linguagem é a do pré-discurso para o discurso. Nesse período inicial, já são mostradas diferenças individuais, pois algumas crianças preferem unidades curtas, enquanto outras escolhem trabalhar com unidades mais longas, tornando evidente o uso inicial de estratégias *bottom-up* (ao trabalhar com pequenos pedaços da linguagem do adulto — geralmente a sílaba tônica —, que são, eventualmente, justapostos para produzir emissões maiores) e *top-down* (quando a criança utiliza pedaços mais longos da linguagem — palavras ou frases inteiras dos adultos que, após analisadas, são combinadas para formar novas pronúncias).

O que considero é que se a criança, de fato, periodicamente reorganiza seu sistema gramatical, ela está construindo, e se há reorganizações pequenas, mas suficientes, não haverá grande descontinuidade. No entanto, após um tempo suficiente, uma mudança organizacional maior [do sistema gramatical] poderia ocorrer. Para fazer uma analogia, se eu lhe mostro duas fotos,

uma com a palma da minha mão para cima e outra com a palma da mão para baixo, não há associação evidente entre essas posições. Mas se eu lhe mostro uma série de fotos ordenadas as quais exibem uma série de fotos intermediárias que mostram minha mão se movendo, não há mais uma descontinuidade⁵. (PETERS,1997, p.310)

O período necessário para a transição da primeira combinação para o ponto onde, no mínimo, 20 % das produções das crianças são *sujeito + verbo + complementos*, varia de 1 mês e meio a 9 meses (PETERS, 1997, p. 312). Já o desenvolvimento da habilidade de produzir três ou mais unidades em uma pronúncia única envolve processos restritos, tais como processo articulatório, limitações de memória, conhecimento léxico e semântico, que limitam as produções para duas unidades.

O que se torna evidente neste processo é que a base da criança para realizar as combinações iniciais de palavras tem um componente semântico forte, mas, para Peters (1997, p. 324), ainda há muitas questões a serem estudadas com relação ao desenvolvimento da sintaxe inicial. Um exemplo dessa lacuna é a transição para três ou mais unidades, que se sabe ser distinta da inicial pela nova possibilidade de organização hierárquica de seus constituintes, mas ainda não há relatos de quando tais hierarquias são descobertas pelas crianças.

Algumas pesquisas mostraram fatos particularmente interessantes relativos à sintaxe inicial. Essas relatam que, já aos 14 meses, as crianças compreendem os constituintes básicos das frases simples e, aos 17 meses, interpretam a ordem das palavras (KAIL, 2000, p. 16). Aos 24 meses, as crianças compreendem as implicações dos verbos transitivos e aos 27 meses, as implicações referentes aos verbos intransitivos. Estes resultados indicam que há uma compreensão das frases, mesmo antes da criança produzi-las. Para Kail (2000, p. 16), ainda há necessidade de saber se, na sua apreensão das palavras, a criança consegue entender as relações gramaticais *sujeito + verbo + complementos* ou as relações semânticas *agente-ação-paciente*. O debate central, segundo Kail (2000, p. 33) é saber se as informações estruturais de natureza sintática (como, por exemplo, a ordem de aparição e as regras de sua estruturação sintática) são realizadas, antes de tudo, de maneira autônoma, enquanto que as informações léxico-semânticas são utilizadas em uma fase posterior, ou se, ao contrário, ela fará uso imediato de todas as informações disponíveis de modo que a distinção entre estruturação e interpretação não será mais realmente pertinente.

2.2.2 Escrita

Estudos evidenciam que, inicialmente, as estruturas usadas pelas crianças em sua escrita são relatos muito próximos daqueles que elas usam na fala, embora, no início, elas exibam um nível mais baixo de maturidade gramatical em sua escrita do que em sua linguagem oral (O'DONNELL et al.(1967); LOBAN (1976 *apud* PERERA,1997, p.497)). Para Perera (1997, p. 518), este fato não significa que, em termos de aquisição da linguagem pela criança, a escrita seja apenas um reflexo das habilidades da linguagem oral.

A relação entre maturidade gramatical na fala e na escrita foi apresentada por Kroll (1981 *apud* PERERA, 1997, p. 498) como uma série de 4 fases: preparação, consolidação, diferenciação e integração. Na fase de preparação, a criança aprende os aspectos físicos da escrita e copia palavras escritas dos adultos; a fase de consolidação começa em torno dos 7 anos, quando a criança consegue escrever independentemente. Quando a linguagem não reflete simplesmente os padrões da fala, mas toma suas formas gramaticais características, dá-se a fase de diferenciação. A fase de integração acontece quando a fala e a escrita são, então, diferenciados e sistematicamente integrados.

É evidente que algumas crianças, no mínimo, usam, em sua escrita, construções que não usam em sua fala. Como essas construções – as orações relativas formais, as alterações na ordem das palavras e as orações adverbiais de gerúndio – são particularmente literárias, parece improvável que as crianças as ouçam regularmente, mesmo na fala dos adultos. Isso levanta o questionamento de como elas adquirem esse conhecimento. A explicação óbvia é que elas as aprendem por meio da leitura⁶. (PERERA, 1997, p.516)

Segundo o processo de aquisição, entre 9 ou 10 anos de idade, a linguagem escrita da criança pode ficar diferente da sua fala espontânea de três formas: (1ª) torna-se livre das construções coloquiais; (2ª) pode conter baixa proporção de orações subordinadas em comparação com a fala; (3ª) pode incluir algumas construções que não ocorrem normalmente com a fala, como por exemplo, orações subordinadas adverbiais sem verbo (Eu posso ajudá-lo *se necessário*.) (PERERA, 1997, p. 517).

Ainda segundo Perera (1997, p. 517-518), a escrita é o modo ideal para a aquisição de uma construção psicolinguística complexa, porque permite ao usuário da linguagem, rever e corrigir sem a pressão dos padrões de conversação, tornando-se um poderoso agente no processo de desenvolvimento da linguagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da aquisição do léxico e da sintaxe em língua materna é de fundamental importância, uma vez que busca explicar a forma como a criança desenvolve a sua expressão verbal, tanto na fala, quanto na escrita. A fala é desenvolvida por meio da interação com o ambiente familiar e, posteriormente, nas demais relações sociais, sendo que a escrita, segundo Perera (1997, p. 494), por ser ensinada, apresenta uma maior dependência da intervenção dos adultos.

A criança escolhe critérios para representar o seu mundo e desde os seis meses de idade já demonstra uma percepção do que é a fala. A sintaxe inicial da criança pode ser percebida em torno dos 18 meses, com relação à sua produção oral, sendo esse período considerado chave nos estudos da aquisição.

Por fim, segundo estudos realizados, inicialmente a criança apenas reproduz elementos da fala em sua escrita, mas, progressivamente, desenvolve caracte-

rísticas específicas para a escrita, com mais padrões mais elaborados e construções mais complexas.

Acreditamos que professores de língua materna e estrangeira devam ter consciência das fases pelas quais a criança passa em seu desenvolvimento lingüístico, de maneira que sua aprendizagem se dê de acordo com tais fases.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANO, D. La constitution du lexique: le "développement lexical precoce". In: KAIL, M.; FAYOL, M. **L'acquisition du langage**. vol. 1. Paris: PUF, 2000.

LAFFORD, B.; COLLENTINE, J.; KARP, A. **The Acquisition of Lexical Meaning by Second Language Learners: An analysis of general research trends with evidence from Spanish**. Disponível em: <<http://jan.ucc.nau.edu/~jgc/research/vocabstate/index.htm>> Acesso em: 10 jun. 2008.

GRIFFITHS, P. Early vocabulary. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. **Language Acquisition**. Cambridge: CUP, 1997.

KAIL, M. Acquisition Syntaxique et diversité linguistique. In: KAIL, M.; FAYOL, M. **L'acquisition du langage**. vol. 2. Paris: PUF, 2000.

KARMILOFF-SMITH, A. Some fundamental aspects of language development after age 5. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. **Language acquisition**. Cambridge: CUP, 1997.

PERERA, K. Language acquisition and writing. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. **Language acquisition**. Cambridge: CUP, 1997

PETERS, A. M. Early syntax. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. **Language acquisition**. Cambridge: CUP, 1997.

¹ Aluna de Mestrado em Letras - Estudos Lingüísticos/UFSM.

² Aluna de Mestrado em Letras - Estudos lingüísticos/UFSM.

³ "la sur-extension se produit lorsque l'enfant emploie un terme de façon trop large, pour faire référence à des objets différents qui partagent cependant por lui certains traits perceptifs ou, plus rarement, fonctionnels." (BASSANO, 2000, p. 153)

⁴ "Les sous-extensions sont em rapport avec le phénomène de contextualization, caractéristique du langage emergent, qui lie l'emploi d'un mot à une situation ou un contexte spécifique, dote d'une saillance ou d'une régularité particulière pour l'enfant." (BASSANO, 2000, p. 153)

⁵ "What I would propose is that if the child indeed periodically reorganizes the grammatical system she is building, and if there are enough small reorganizations, no sharp discontinuity will appear in the data and yet, over enough time, a major organizational shift could take place. To

give an analogy, if I present you with two photographs, one of my hand palm up and one with it palm down, there is no obvious link between these positions. But, if I present you with an ordered set of pictures showing a series of intermediate stages of me turning my hand over there no longer seems to be a major discontinuity." (PETERS,1997, p.310)

⁶ "It is clear that some children, at least, are using in their writing constructions that they do not use in speech. As these constructions – the formal relative clauses, word order alterations and nonfinite adverbial clauses – are particularly literary, it seems unlikely that children hear them regularly, even in the speech of adults. This raises the question of how they acquire them. The obvious explanation is that they learn them by reading". (PERERA,1997, p.516)